

economia

Inflação desacelera em julho e fica abaixo do teto da meta

Índice recuou 0,07% e passou a acumular alta de 4,44% em 12 meses

/ CONJUNTURA

A inflação oficial do Brasil, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), desacelerou a 0,07% em julho, após marcar 0,16% em junho, apontam dados divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A taxa de 0,07% é a menor para meses de julho em quatro anos, desde 2022, quando houve queda do índice (-0,68%). O resultado, contudo, ficou acima da mediana das projeções do mercado financeiro, que era de 0%, segundo a agência Bloomberg. O intervalo das estimativas ia de -0,1% a 0,07%.

Com os dados de julho, o IPCA passou a acumular alta de 4,44% em 12 meses, após marcar 4,64% até junho, disse o IBGE.

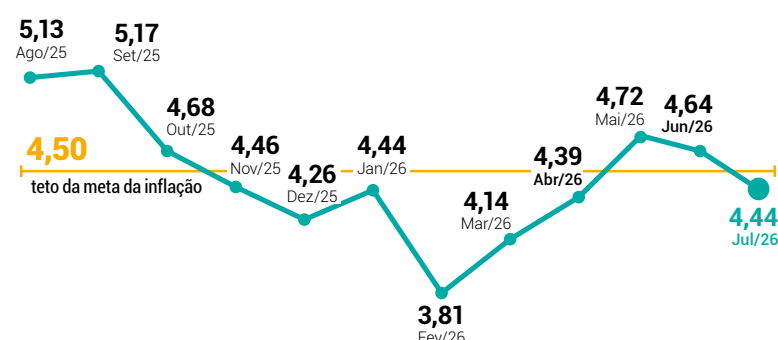
Assim, o índice ficou abaixo do teto de 4,5% da meta de inflação perseguida pelo Banco Central (BC). O IPCA havia ultrapassado o teto em maio.

A meta é considerada descumprida quando o IPCA acumulado permanece por seis meses seguidos de divulgação fora do intervalo de tolerância, que vai de 1,5% (piso) a 4,5% (teto). O centro é de 3%.

O grupo alimentação e bebidas teve nova queda em julho (-0,67%), o que ajudou a aliviar o IPCA, com -0,14 ponto percentual de impacto no índice. Foi a principal contribuição para baixo no

Acumulado do IPCA ao longo de 12 meses (em %)

FONTE: IBGE



índice entre os nove segmentos pesquisados. Os grupos vestuário (-0,66%) e educação (-0,03%) também tiveram queda em julho.

Para os 12 meses de 2026, a mediana das projeções do mercado financeiro aponta IPCA de 5,02%, conforme o boletim Focus mais recente, publicado pelo BC na segunda-feira. A previsão seguiu acima do teto da meta, embora tenha caído pela sexta semana consecutiva.

No primeiro semestre, o IPCA sofreu o impacto da carestia dos alimentos e da guerra no Irã. O conflito aumentou as cotações do petróleo e gerou repasses para os preços dos combustíveis.

Essas pressões perderam força nos últimos meses, o que ajudou a levar as estimativas do mercado para baixo. Analistas, porém, dizem que a retomada da guerra traz novas incerte-

zas e que o fenômeno climático El Niño é outra ameaça para a inflação a partir do segundo semestre. O El Niño desafia o agronegócio ao alterar a distribuição das chuvas. Em caso de perdas no campo, os preços dos alimentos podem ficar mais caros para o consumidor.

O evento climático também ameaça pressionar os custos em setores como o de energia. Na semana passada, o Comitê de Política Monetária (Copom) reduziu a taxa básica de juros para 14% ao ano, com um corte de 0,25 ponto percentual na Selic pela quarta vez seguida. O colegiado do BC não antecipou os seus próximos passos e voltou a dizer que o tamanho total do ciclo de baixa será estabelecido “à luz de novas informações”, diante dos riscos associados à trajetória da inflação.

ApexBrasil quer diversificar mercados para exportação após tarifaço dos EUA

O presidente da ApexBrasil, Laudemir Müller, afirmou que a estratégia da agência é diversificar mercados para as exportações brasileiras, com atenção especial ao avanço recente na Europa. Segundo ele, o movimento ocorre em meio a uma reconfiguração dos destinos comerciais do País e é sustentado por inteligência de mercado para direcionar empresas prejudicadas pelo tarifaço de Donald Trump para oportunidades em mais de 30 mercados.

Müller listou como principais focos dessa diversificação Canadá, México, Alemanha e Turquia, além de destinos na África, como África do Sul, Nigéria e Etiópia e, na Ásia, a Indonésia, Cingapura, Índia e China. No recorte europeu, a menção à Alemanha reforça o peso do continente na estratégia e no desempenho recente da balança.

O presidente da ApexBrasil destacou que a balança comercial brasileira registrou superávit recorde de US\$ 35 bilhões em julho. “É o

melhor mês de julho da história do Brasil”, disse. No acumulado do semestre, as exportações somaram US\$ 220 bilhões, frente a US\$ 200 bilhões no mesmo período do ano passado.

Müller chamou atenção para a mudança de composição por mercados. “Houve retração de US\$ 2,9 bilhões nas vendas aos Estados Unidos e queda de US\$ 2 bilhões para a Argentina, enquanto a Europa avançou US\$ 3,1 bilhões”, disse detalhando que US\$ 2 bilhões desse aumento europeu se concentraram entre maio, junho e julho, em um movimento associado à dinâmica do bloco.

“No mesmo período, as exportações para a Índia cresceram US\$ 2,7 bilhões e para a China, US\$ 11,3 bilhões. Os dados mostram como o Brasil vem ganhando tração em novos mercados, impulsionado tanto por aberturas comerciais, incluindo mais de 600 aberturas para o agronegócio, quanto por ações para ampliar presença onde há demanda e espaço competitivo”, disse.



Balança comercial brasileira registrou superávit de US\$ 35 bilhões em julho

Copom reafirma que cenário demanda serenidade e cautela na condução da política monetária

O Comitê de Política Monetária (Copom) reafirmou ontem que o cenário atual é marcado por significativo aumento da incerteza, desancoragem das expectativas e riscos elevados em torno do cenário base. Por isso, demanda serenidade e cautela na condução da política monetária.

“O Comitê seguirá incorporando novas informações e acompanhando a evolução do cenário de forma a manter a restrição adequada para assegurar a convergência da inflação à meta”, emendou. As mensagens constam na ata da reunião de agosto do colegiado, publicada ontem. No encontro, encerrado na última

quarta-feira, o Copom cortou a Selic em 0,25 ponto percentual, de 14,25% para 14,00%. Foi o quarto corte consecutivo.

Os juros já caíram 1,0 ponto percentual desde março, quando o BC começou um “ciclo de calibração” cauteloso da política monetária, em meio às incertezas sobre os impactos da guerra do Irã na cadeia global de suprimentos, os preços de commodities e a própria inflação.

Antes, o Copom manteve a Selic em 15% - o maior nível em quase duas décadas - por dez meses seguidos, de junho de 2025 até março de 2026.

O colegiado também reafir-

mou nesta terça-feira que a decisão de reduzir a Selic é compatível com a estratégia de convergência da inflação para o redor da meta ao longo do horizonte relevante. “Sem prejuízo de seu objetivo fundamental de assegurar a estabilidade de preços, essa decisão também implica suavização das flutuações do nível de atividade econômica e fomento do pleno emprego.”

Em outra observação, a cúpula do Banco Central aponta que a taxa de desemprego mantém-se em patamares historicamente baixos, enquanto a taxa de ocupação vem desacelerando.

“O Comitê segue atento ao

debate sobre as dimensões corrente e estrutural do mercado de trabalho, enfatizando a necessidade do aprofundamento dessa análise para a avaliação dos padrões de transmissão dos níveis de ocupação para os rendimentos do trabalho e, finalmente, para os preços dos diversos setores da economia”.

O Copom repetiu as projeções para a inflação já apresentadas no comunicado. O colegiado prevê alta de 5,1% para o IPCA em 2026, acima do teto da meta de inflação, de 4,5%, e de 3,8% em 2027. Para a inflação acumulada em 12 meses no 1º trimestre de 2028, atual horizonte relevante da política

monetária, projeta alta de 3,2%.

Para os preços livres, prevê altas de 5,1%, 3,9% e 3,1%, respectivamente, nos períodos. Já para os preços administrados, projeta altas de 4,9%, 3,5% e 3,5%.

Todas as projeções partem do cenário de referência, com trajetória de juros do Relatório Focus (publicado em 3 de agosto) e bandeira amarela de energia elétrica em dezembro de 2026 e 2027. A taxa de câmbio começa em R\$ 5,10 e evolui conforme a paridade do poder de compra (PPC). Os preços do petróleo seguem aproximadamente a curva futura por seis meses e, depois, sobem 2% ao ano.